

# humanitas

**Vol. IV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA  
MCMLII

' A obra é completada por uma lista bibliográfica referente aos autores citados e por três valiosos índices — de nomes, de lugares e povos e de obras. O índice dos nomes foi elaborado pela secretária do Instituto, senhorita Arminda Celia Castagnino.

FELISBERTO MARTINS

**W. F. Jackson Knight, *Vergil and Homer*, Londres, 1950, 20 pp.**

Tivemos o grato ensejo de nos referirmos a outra obra de Jackson Knight — *Roman Vergil*—, no vol. I da *Humanitas*, pp. 235-237. Admirámos então o processo do ilustre A. — a minúcia da informação do especialista aliada à clareza e à elegância da exposição, a profundidade da análise e a vastidão da síntese, o rigor da documentação e a originalidade vigorosa da interpretação do insigne presidente da *Virgil Society*.

O mesmo teremos de dizer de este rápido estudo comparativo entre dois grandes poetas, que são os maiores expoentes da cultura clássica: Homero e Virgílio. Estudo rápido, mas profundo e brilhante. Obra de síntese, a par das investigações mais modernas, que o A. utiliza e interpreta com o seu habitual vigor, raro poder de síntese e de compreensão.

Perpassam ante os nossos olhos conceitos de poesia, tradições indoeuropeias e de primitivos povos orientais, interpretações das reminiscências de factos observados pelos poetas, descrições de batalhas, o sentido simbólico dos mitos, a *realidade* para Homero e para Virgílio, os problemas da linguagem. Interessante entre vários, o caso do nome de *Pátroclo* e das suas relações com *Cleopatra*, mulher de Meleagro. Interessante ainda a compreensão para Virgílio do ideal do Homem europeu, baseado na família — família de carácter homérico, mas divino —, ideia rica de sugestões, para curiosos estudos de interpretação da História e de filosofia política, e em que mais uma vez o fio condutor se encontra na Antiguidade Clássica.

FELISBERTO MARTINS

Isidro Pereira, S. J., **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**,  
Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1951. 644 + 80 + 311  
páginas.

Este novo dicionário vem preencher uma lacuna da bibliografia do nosso ensino liceal da língua helénica. Depois dos livros de leitura e das gramáticas, só faltava o dicionário, empresa a que meteu ombros o Rev. P. Isidro Pereira, S.J..

Agradecemos-lhe o esforço pioneiro, bem digno de louvor, e contribuamos com as nossas modestas observações para que a obra venha a corresponder inteiramente, em futura edição, aos objectivos pedagógicos que o Autor se propôs. Merecem referência a apreciável qualidade do trabalho gráfico e o bom gosto da capa.

A bibliografia utilizada pelo Autor é assim apresentada:

*Collection des Universités de France*

Giuseppe Rigutini — *Vocabolario greco-italiano e italiano-greco*

Henry George Liddell and Robert Scott — *A Greek-English Lexicon* (1)

Lorenzo Rocci — *Vocabolario greco-italiano*

M. A. Bailly — *Dictionnaire* (2) *grec-Français*

M. Cary — *The Oxford Classical Dictionary*

S. C. Woodhouse — *English-Greek Dictionary*

T. Morel | S. T. P. — *Graecum Lexicon Manuale*

Teria sido conveniente indicar a edição, ao menos de Bailly e de Liddell-Scott, e, para este último, dizer se utilizou a edição escolar em um volume, ou o dicionário grande em dois volumes. Pela observação do *Dicionário Grego-Português* pude verificar que a edição de Bailly usada não é a última, pois na obra do P. Isidro Pereira ainda aparece, v.g., *διθώραμβος* «nascido duas vezes (*epíteto de Baco*) [...]», interpretação errónea, posta de parte na última (3) edição de Bailly. Quanto a *The Oxford Classical Dictionary* (4) não é correcto dar-lhe como autor M. Cary apenas porque é o primeiro dos organizadores mencionados no título desta obra que teve nove editores («M. Cary, J. D. Denniston, J. Wight Duff, A» D. Nock, W. D. Ross, H. H. Scullard, with the assistance of H. J. Rose, H. P. Harvey, A. Souter») e 170 colaboradores.

Uma observação mais grave é a que se refere ao problema do método seguido pelo Autor. Com efeito, embora no Prefácio esteja escrito que a obra contém os vocábulos dos «escritores mais representativos» de cada um dos períodos da Literatura Grega, a verdade é que, sejam quais forem os «escritores mais representativos», estou convencido de que o *Dicionário* não permite traduzir inteiramente um

(1) Escrito: *Scotch e greek-english*.

(2) Escrito: *Dictionnaire*.

(3) A. Bailly — *Dictionnaire Grec-Français* rédigé avec le concours de E. Egger. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Hachette, 1950.

(4) Oxford, 1949. Já há uma reimpressão, pelo menos, posterior a esta data. Saiu uma recensão deste livro em BIBLOS, xxvi, pág. 608-613.

único autor grego. É que, segundo me parece, o *Dicionário* não foi construído sobre índices ou léxicos especiais dos autores mais representativos (5), mas sim organizado com palavras tiradas, principalmente de Bailly, sem um critério bem definido.

É evidente que um *Dicionário Grego-Português*, com as dimensões do ora publicado, tem de ser necessariamente muito incompleto. Basta saber fazer as operações fundamentais, para poder verificá-lo. Partindo do conhecimento de que a língua grega excede em mais do dobro o número das palavras da língua latina (6), comparemos o tamanho deste dicionário com o seu correspondente latino, mais usado no ensino liceal: o *Dicionário Latino-Português* (7) de Francisco Torrinha. Verificaremos que o *Dicionário Grego-Português* apresenta 644 páginas a duas colunas, ao passo que o *Latino-Português* tem 947 a três colunas, além de um melhor aproveitamento do papel. Isto é, longe de ter, pelo menos, o dobro das páginas do *Latino-Português*, o *Dicionário Grego-Português* tem menos 1/3 de páginas, impressas ainda, apenas a duas colunas.

Feitas estas contas, voltemos ao que suponho ser um grave erro de critério na confecção da obra. O Autor dá-nos o vocabulário dos «escritores mais representativos». Será Homero um deles? Creio que sim, mas o *Dicionário* não traz, ao menos, todo o vocabulário homérico. Basta tentar alguns versos, sem procurar muito, e logo se encontram omissões:

— não vi lá uma palavra como *ελδωρ* ou *εέλδωρ*, tão frequente em fórmulas do tipo de [...] *τόδε μοι κρήνον εέλδωρ*. *Il.* I, 41.

(5) Sobre quais sejam «os escritores mais representativos», não há necessariamente, uma opinião apenas. Teria sido conveniente indicar quais os que o Autor tem nessa conta. Por sua vez, o programa liceal (Decreto-Lei n.º 37.112 de 22 de Dezembro de 1948) diz: «[...] ler-se-ão, no 6.º ano, fábulas de Esopo e extractos do *Novo Testamento*, de Luciano, de S. João Crisóstomo e de Xenofonte, e, no 7.º ano, excertos de Platão, de Homero, de Demóstenes, de Eurípidés e de Aristófanes».

(6) «Das griechische Wortgut übersteigt das lateinische mit der Zahl seiner Wörter um mehr als das Doppelte dank dem längeren Zeitraum, den seine Überlieferung umspannt, und dank der grossen Zahl seiner nominalen Zusammenstellungen; auch umfasst ein griechisches Wörterbuch nicht nur einen, sondern viele Dialekte.» (Paul Kretschmer, no Prefácio do livro de E. Locker, *Rückläufiges Wörterbuch der griechischen Sprache*, Gotinga, 1944.)

(7) Ed. de 1945 (Marânus, Porto).

— Ainda no canto I da *Iliada*, v. 490:

*ουτε ποτ εἰς ἀγορήν πολέσκετο κυδιάνειραν,*

o *Dicionário* não permite encontrar nem *πολέσκετο* nem *κυδιάνειρα*.

E quanto aos outros poetas? Há, por falta de um critério aplicado com rigor, palavras que não deviam figurar num léxico elementar como este, e faltam muitos termos necessários. Há hapax legomena de Esquilo (*πολεμόκραντος, ἀπειρόδακρυς, αὐθάδισμα*, etc.), de Sófocles (*βουθερής, οζυκόκυτος*, etc.), de Eurípides (*καλλιπάριθνος, δολιχάχην*, etc.), de Aristófanes (*ἱπποκάνθαρος, μέλλον ικιάω, τορνευτολνρασπιδοπηγοί*, etc.), mas o *Dicionário* não permite traduzir nem Esquilo, nem Sófocles, nem Eurípides, nem Aristófanes.

Fica-se surpreendido quando, ao passar os olhos pelo livro, se encontra um vocábulo como *ἀπρικτόπληκτος* (aliás uma correcção de Lachmann), palavra que aparece uma só vez (em *Coéforas*, 425), em toda a história da língua grega. Será que o *Dicionário* nos permite traduzir Esquilo? De forma nenhuma, porque deste difícil passo

*Χο. ἔκομα κομμὸν Ἴριον, ἐν τε Κιασίας*

*νόμοις ἠλεμιστρίας,*

*ἀπρικτόπληκτα πολντάλακτ' ἄρ' ἦν ἰδεῖν*

425

*ἐπασσυτεροτριβή τά χεροσ ὀρέγματα*

*ἀνωθεν ἀνέκαθεν, κτύποι δ' ἐπιρροθεῖ*

*κροτητόν ἄμον καί πανάθλιον κάρα'*

o *Dicionário* ignora *πολντάλακτος* e *ἐπασσυτεροτριβής*, vocábulos que são, como *ἀπρικτόπληκτος*, hapax legomena de Esquilo.

Ainda outro exemplo: que dirá o estudante, não familiarizado com o vocabulário aristofânico, ao ver no *Dicionário Grego-Português* um composto como *τορνευτολνρασπιδοπηγός* (a palavra em Aristófanes vem no plural), traduzido por «fabricantes de liras e escudos feitos ao torno»? Bem sei que a tradução vem assim em Bailly, mas o aluno não pensará que na Grécia (ou melhor, em Atenas) havia estranhas profissões, designadas por palavras ainda mais estranhas? A verdade é que se trata dum composto cómico, constituído, como interpreta Schwyzer(8), por três palavras que designam três profissões: «torneiros, fabricantes de liras e fabricantes de escudos». Não será, por isso, melhor, em futura edição, a menos que se duplique ou triplique o tamanho do livro, condenar ao ostracismo palavras como *ἀπρικτόπληκτος* e *τορνευτολνρασπιδοπηγοί*

(8) *Griechische Grammatik*, t. I, Munique, 1939, pág. 453, η. I.

E agora voltamos a cair no problema do método. Como poderia o *Dicionário* com as dimensões que tem, satisfazer a um certo número de exigências bem definidas? Em minha modesta opinião, se tivesse sido elaborado com vista a servir para a tradução de alguns autores, muito poucos, cujo nome expressamente se indicaria no Prefácio, e que seriam aqueles que o programa liceal pede. Mas é provável que, assim mesmo, o *Dicionário* tivesse de ser muito maior, dada a extraordinária riqueza lexical da língua grega, em geral, e do vocabulário de alguns desses autores, em particular. Nesse caso, só restava ao dicionarista, querendo manter as dimensões actuais, elaborar o seu trabalho de forma a poder ser utilizado para algumas das obras dos autores de que se propunha tratar, as quais seriam também expressamente indicadas. Em qualquer caso, cumpri-lhe-ia construir o seu dicionário sobre os léxicos de autores (ou ainda melhor, sobre as obras desses autores), e não extrai-lo de dicionários maiores, como Bailly, tomando uns vocábulos e rejeitando outros, ao sabor das preferências de momento.

Tenho-me sempre referido ao dicionário de Bailly, na qualidade de fonte principal do *Dicionário Gr ego-Português*. Já mostrarei, por uma série de surpreendentes e desagradáveis traduções do francês, o motivo dessa minha convicção. O francês citado é sempre do *Dictionnaire Grec-Français* de Anatole Bailly. Eis algumas dessas traduções: «dont les aisselles sentent le bouc» é traduzido por «cujas axilas sentem o bode» (s.v. *τραγομάσχαλος*); «aux belles jeunes filles» por «que tem filhas formosas e jovens» (s.v. *καλλιπάρθενος*); «faire le bouffon, le mauvais plaisant» vertido por «fazer o ridículo» (s.v. *βωμολοχενομαι*); «tenir des propos honteux ou obscènes» por «manter propósitos vergonhosos» (s.v. *αίσχρολογέω*).

O capítulo dos «Nomes Próprios», de páginas 627 a 644, no final do *Dicionário Grego-Português*, traz também surpresas:

— Na pág. 634, s.v. *Ἡρακλῆς*, lê-se que o herói, depois de abrir comunicação entre o Mediterrâneo e o Atlântico, escreveu «nas montanhas dum e doutro lado o *non plus ultra* sobre umas colunas que conservaram o nome de Colunas de Hércules».

— Na página 635, s.v. *ῥώ*, o moscardo da lenda que perseguia 10, metamorfoseada em vaca, é um... «veneno»: «Então Hera atormentou a 10 com um veneno que não a deixava parar».

— Na mesma página, s.v. *Ἰππόλυτος*, Fedra é promovida de «madrasta» a «sogra»; «Hípólito, filho de Teseu, pretendido por Fedra, sua sogra».

— Na pág. 636, s.v. *Κρατῖνος*, diz-se que «fez representar a sua primeira obra aos setenta e cinco anos». Não sei onde foi o A. buscar esta informação: há notícia dos triunfos de Cratino, a partir de 454/3, isto é, a partir dos seus trinta anos de idade, pois o poeta nascera provavelmente em 484 a.C..

Onde se vê a bem falta de método, é na escolha das personagens que merecem referência histórica. Já vimos que Cratino é mencionado; não o são, porém, Aris-

tófanes e Menandro. Ésquilo não existe. Fala-se de Heródoto, mas Tucídides é esquecido. E para o mesmo rol vai também Sócrates. Na classe dos políticos, fala-se de Eubulo, mas Péricles e Cléon nada são. Enfim, reina a desordem neste catálogo de *Who is who* do mundo grego.

A tradução dos antropónimos tem uma ou duas excentricidades: *Ποσειδάων*, Posídon, é vertido por «Posidónio» não sei bem porquê; o acento dos nomes próprios é constantemente o latino, como uma excepção, *Διόνυσος* vertido por «Dióniso»,

Seguem algumas palavras, escolhidas numa lista mais extensa, com vista à 2.<sup>a</sup> edição:

— *αἰγίπλαγκτος* «lugar onde há cabras». Não traduz o elemento *-πλαγκτος* (cf. *πλάζω*).

— *ἀπειρόδακρυς* «que não cessa de derramar lágrimas» é a versão de Bailly, que assenta numa interpretação errada da primeira parte do composto. A tradução deste vocábulo esquiliano, que convém a *Supp.* 71, o único passo em que ele ocorre, é «inexperiente de lágrimas» ou «ignorante de lágrimas».

— *ερωή* (*ερωέω*). É mais exacto o contrário: *ερωέω* (*ερωή*).

■— *ἴαλεμίστρια* ou *ἡλεμίστρια* [...]. Cita *Ἰαλεμίζω* que se não encontra no *Dicionário*.

— *μέλλονικιάω* «contemporizar para vencer», tradução dada no *Dicionário*, que é a de Bailly, satisfaz ainda menos que a do original francês, por lhe faltar a explicação da palavra (um hapax legomenon) : «*avec jeu de mots sur le général Nicias qui temporisait toujours*». A verdade é que um verbo simples *νικιάω* não existe, e o composto forjado por Aristófanes, assenta menos em *νίκη*, que em *νικίας*. Van Daele (9) numa excelente nota a *Av.* 640, chama a atenção para a final *-lān* que é a dos verbos «que indicam uma afecção ou uma doença». A palavra significa, portanto: «ter o hábito de adiar, como Nícias».

— *νάνος* e *νανοφυής* são formas preferíveis a *νάννος* e *ναννοφυής* que vêm em Bailly e o A. aceitou. Todavia, no *Dicionário Português-Grego*, s.v. «anão», lê-se *νάνος*.

— *οίκογενής* «nascido em casa (*falando de escravos*)» não se usa apenas destes, mas também dos animais nas mesmas condições.

— *οφρύς*. Sobre esta acentuação, ver o que diz Liddell-Scott, s.v. *οφρῦς*.

— *ὄρνημαδός* «[...] (*ορύσσω*) ruído, estrepitoso». A palavra não existe. É confusão com *ορνημαδός* que, evidentemente, nada tem que ver com *ορύσσω*.

— *πομφόλιξ* «bola, bola de sabão» é muito menos «bola» do que «bolha» (cf. Bailly, «bulle, bulle d'eau»: Liddell-Scott, «bubble»).

— *ραδινάκη* «petróleo». Convinha acrescentar que se trata dunha palabra persa que se encontra só em Heródoto.

— *ρήγος* «[...] (όέζω) teia tingida, tapete, vestido». Cita-se *πεξω*, mas este verbo («tingir») não é o mesmo que o único *κρέζω* («fazer, obrar») que o *Dicionário Grego-Português* conhece.

— *στείνω* «[...] v. *στένω*». É um erro: trata-se, em ático, de dois verbos diferentes e com sentidos diferentes.

— *τανάος* significa «comprido», mais do que «alargado», único sentido que lhe dá o *Dicionário*.

— *τραγέλαφος* «[...] semi-bode, semi-alado (animal fabuloso)». Bailly traz: «demi-bouc, demi-cerf, *animal fabuleux*». Donde veio para o *Dicionário Grego-Português* o «semi-alado», ignoro. Desconfio que em *cerf* se introduziu talvez a noção de *cerf-volant*, tomado por ave de pena..., a menos que se trate de erro tipográfico: *alado* por *veado*.

— *ψίλωσις*. O fenómeno fonético, chamado «psilose» na Fonética Histórica do Grego, recebeu já dos gramáticos gregos esse nome. Valia a pena tê-lo registado.

O Autor faria bem em publicar, quanto antes, uma lista dos erros tipográficos do livro. Nada mais desesperador para um principiante, do que o esforço inútil dispendi do a resolver uma dificuldade insolúvel que não passa afinal, tantas vezes, de insuspeitada «gralha»! Encontrei os seguintes casos:

Na pág.	34,	<i>επαισεναν</i>	em vez de	<i>επαιοεν αν</i>
» »	»	<i>είδες αν</i>	» » »	<i>εϊδες αν</i>
» »	70	<i>άπονίνημαι</i>	» » »	<i>άπονίναμαι</i>
» »	85	<i>ά-ταλάφρων</i>	» » »	<i>αταλά-φρων</i>
» »	105	<i>(βροτός)</i>	» » »	<i>(βρότος)</i> [s.v. <i>βροτόεις</i> ]
» »	110	<i>γλαυκός</i>	» » »	<i>γλαυκός</i>
» »	113	<i>(γηρίω)</i>	» » »	<i>(γηρύω)</i> [s.v. <i>γυναικο-γήρυτος</i> ]
» »	144	<i>δικορραγής (bis)</i>	» » »	<i>διχορραγής</i>
» »	328	<i>κνή</i>	» » »	<i>κνή</i>
» »	335	<i>λεπτόλογος</i>	» » »	<i>λεπτολόγος</i>
» »	392	<i>όλοφνράμην</i>	» » »	<i>όλοφνράμ7]ν</i>
» »	474	<i>προμνητίνιοι</i>	» » »	<i>προμνηστίνιοί</i>
» »	497	<i>pel</i>	» » »	<i>pele</i>
» »	563	<i>τορνευτο- λγνα σπειδοπηγός</i>	» » »	<i>τορνευτο- λγρασπιδοπηγός</i>
» »	602	<i>αργα</i>	» » »	<i>hαργα</i>
» »	619	<i>χρναώπις</i>	» » »	<i>χρυσόπις</i>
» »	630	<i>Γανυμέδης</i>	» » »	<i>Γανυμήδης</i>

Na	pág.	632	<i>ΕΙοένη</i>	em	vez	de	<i>ΕΙρήνη</i>
»	»	634	<i>Ἡρακλής</i>	»	»	»	<i>Ἡρακλής</i>
»	»	638	Melelau	»	»	»	Menelau

O *Dicionário Português-Grego*, cuja utilidade imediata é menos óbvia que a do seu inverso, não me interessou tanto. Assim mesmo, encontrei lá: s.v. *infindo* v. *infinito*, embora esta palavra se não encontre no vocabulário português-grego; *infinitude* = *απε^α*, embora *απειρία* só tenha na parte de grego-português o sentido de «inexperiência, ignorância»; na pág. 33, s.v. «*cabreiro*», vem *αἰπολος* em vez de *αἰπόλος*; na pág. 9, s.v. *alcova*, vem *κενθος* em vez de *κεῦθος*; em *contemporizar* remete-se para *comprazer* que não encerra todos os sentidos contidos em *contemporizar* (onde está a ideia de *adiar por conveniência?*); dispensavam-se os plebleismos *xato*, *xatear*, *xatice*, para mais escritos com «x»...

Ficamos esperando uma segunda edição do *Dicionário Grego-Português* com o número de páginas do actual volume Grego-Português e Português-Grego. Entretanto, manifestemos ao Rev. P. Isidro Pereira a nossa simpatia pelo esforço que deve ter dispendido no trabalho, sempre ingrato, de dicionarista, e afirmemos-lhe que os reparos aqui feitos, são menos censuras de crítico, que achegas de colaborador officioso.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Manuel Olguin. — **Marcelino Menéndez Pelayo's Theory of Art, Aesthetics, and Criticism.** — University of California Publications in Modern Philology.— volume 28, n.º 6, pp. viii + 333-358. — University of California Press Berkeley and Los Angeles. 1950.

Marcelino Menéndez Pelayo, el Maestro por antonomasia de las Letras españolas, el coloso de la Crítica literaria, fué siempre una riquísima mina de temas a considerar: sus obras constituyen un filón inagotable de estudios capaces de provocar otros nuevos, que no en vano fué polígrafo eruditísimo y artista de la interpretación y del juicio literarios. Quien se da el placer de leer y releer sus páginas asombrosas, tiene la deleitosa impresión de estar contemplando un desfile interminable de ideas, puntos de vista, comparaciones, etc. del mundo multicolor de las Letras, especialmente, las Hispanas.

Por eso tenemos en Don Marcelino todo un cosmos de sugerencias, que irán dando lugar a otros universos de estudios y trabajos, bien sobre las propias ideas